

# Mais\*

## RISCO IMINENTE

Prefeitura já identificou 500 casarões com problemas estruturais na cidade. Desses, metade já foi avaliada e 122 considerados com risco de desabamento. Quem mora ou trabalha próximo aos imóveis vive com medo e pede providências

### SALVADOR PATRIMÔNIO HISTÓRICO

# Por um triz

## Salvador tem 122 imóveis com risco de desabar. E lista ainda pode crescer

Thais Borges

thais.borges@redabahia.com.br

Pouco mais de cem metros separam um casarão que fica no pé da Ladeira da Soledade, no Barbalho, do local da tragédia da última segunda-feira, quando outro casarão – igualmente antigo e tombado – desabou sobre uma casa, matando três pessoas e deixando duas feridas. A responsabilidade de manutenção dos imóveis tombados é do proprietário ou, se ele não puder, do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), órgão do governo do estado.

Agora, no pé da ladeira, o motorista Fernando Jacó, 56 anos, encara o imóvel sem teto – e literalmente caindo aos pedaços – e teme que o que aconteceu perto dali seja um vislumbre do futuro. Ele trabalha em uma oficina vizinha ao edifício. “Aqui passa criança, idoso, estudante e os cegos que vão para o Instituto (dos Cegos da Bahia, próximo dali). É um perigo. Qualquer coisa que cair pode matar mais alguém. Parece que (os órgãos públicos) estão esperando acontecer outra tragédia na Soledade”, desabafa.

O medo de Fernando não é à toa – nem um caso isolado. Atualmente, a Defesa Civil de Salvador (Codesal) está fazendo um novo levantamento dos casarões que correm risco de desabamento na cidade. Segundo a Codesal, existem ao todo 500 casarões com algum problema estrutural no município. O órgão está atualizando o relatório técnico que tem sobre o assunto. Até o momento, 250 já foram avaliados e, desses, 122 oferecem alto e médio risco de desabamento. Ou seja, a lista ainda pode aumentar.

O CORREIO passou ontem em dez imóveis ameaçados. Hoje, o casarão que assusta Fernando é decorado por objetos antigos coletados pelo gessoiro

Edmilson Conceição, 48, no lixo. Ele diz que coloca os utensílios para deixar mais bonito, mas não esconde a tensão por trabalhar ali. “Toda hora cai coisa e está cheio de rachadura. Alguns órgãos já vieram aqui. Todo mundo vem, mas ninguém volta”.

Segundo os dois, o imóvel é habitado por usuários de drogas à noite. “Virou ponto de drogas, de assalto, de ladrão. Tem ladrão que se esconde aí, para aproveitar que não tem iluminação”, completa Fernando.

### VULNERÁVEIS E EXPOSTOS

No mesmo Barbalho, o Instituto dos Cegos da Bahia vive seu próprio drama. Na esquina das ruas São José de Cima com a São José de Baixo, a poucos metros da sede do instituto, há um casarão tombado que tem preocupado quem anda e vive por ali. O imóvel figura na lista de “risco alto” de desabamento da Codesal desde 2009.

Deficiente visual e professora do instituto, Gláucia Queiroz passa pelo local diariamente. “Sempre que ando ali, passo até com um pouco depressa por dois motivos: medo de assalto e medo de desabamento. Por aqui, tem muitos casarões e a gente passa muitos riscos”.

O problema é o mesmo da estudante Jucélia Sousa, 42, que tem baixa visão e é aluna do instituto há três anos. “Minha menina sempre fala que tem muito medo quando estamos passando pelo casarão, de algo cair. No meu caso, é até bom não enxergar, nesse aspecto, para eu não ficar com tanto medo”, admite. A diretora do Instituto dos Cegos, Laura Pinheiro, diz que a entidade já entrou em contato com órgãos públicos, mas a situação continua a mesma. “Inclusive, ele (o casarão) trepida”.

Segundo a aposentada Lúcia Leal, 67, que mora numa casa em frente ao casarão desde 1965, ali, por muito tempo, funcionou um açougue. Além disso, nos pavimentos superiores, havia um pensionato. No entanto, um incêndio, no início dos anos 2000, praticamente destruiu o imóvel.



Casarão na esquina das ruas São João de Cima e de Baixo provoca medo em quem tem que passar por ali

Ela diz que o dono não é visto há anos. Nos últimos tempos, outros vizinhos chegaram a fazer intervenções por conta própria. Com medo de desabamento, alguns colocaram vigas de ferro no entorno da casa.

Além disso, para evitar invasões, decidiram fechar as janelas com cimento. “Eu já cansei de passar email para esses órgãos virem aqui olhar a estrutura, mas não deu em nada”, conta Lúcia.

### MEDO PERMANENTE

No Comércio, a Rua do Julião tem uma sequência de casarões com risco de cair. De 2009 para cá, pelo menos dois desabaram. Um deles fica em frente à casa do pedreiro Rogério Barbosa, 42. De acordo com

ele, está há mais de 40 anos vazio. “Esse aí não tem teto, não tem banheiro, não tem nada, como naquela música. Vários órgãos já vieram aqui e não deu em nada. Só fica isso aí fazendo medo na rua”, diz.

Um dos imóveis que estavam na lista da Codesal em 2009 foi recuperado – segundo moradores – há alguns anos. Na época, o imóvel do lado, o nº 57, já tinha desabado.

“Como é que não tem medo? A gente orienta os meninos a não brincar por ali. As pessoas (responsáveis) até aparecem aqui, mas só olham e vão embora. Estão esperando acontecer algo para se manifestar?”, diz uma mulher, moradora do local há 29 anos, que não quis se identificar.

“No meu caso, é até bom não enxergar, nesse aspecto, para eu não ficar com tanto medo”  
**Jucélia Sousa**

Estudante cega, sobre o medo de passar pela esquina das ruas São José de Cima e São José de Baixo



## VIOLÊNCIA

Crânio encontrado em Feira de Santana é de garota de 7 anos que desapareceu há três meses >> pág. 16

## BRASIL

Senado aprova PEC que acaba com o foro privilegiado para 37 mil autoridades >> pág. 18



Rua do Julião, localizada no Comércio, tem sequência de casarões com risco de cair. Alguns já desabaram



Prefeitura já identificou 122 imóveis sob risco. Alguns imóveis estão, literalmente, caindo aos pedaços

## Ipac sabia de risco em casarão, diz prefeitura

O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), órgão ligado ao governo do estado, só realizou ontem uma vistoria no imóvel que desabou na Ladeira da Soledade, na segunda-feira, matando três pessoas. O laudo será entregue hoje de manhã, segundo o diretor-geral do órgão, João Carlos Cruz de Oliveira.

A prefeitura, porém, afirma que desde 2011 havia notificado o órgão estadual sobre o risco de desabamento. O Ipac, por outro lado, afirma que não recebeu o pedido.

O imbróglio só acabou depois que, na noite da última terça-feira, o Ipac enviou um comunicado à prefeitura informando da necessidade de autorização para a intervenção. "Ontem (terça) nós juntamos os documentos que já tínhamos enviado", disse Gustavo Ferraz, diretor geral da Codesal, referindo-se ao envio de 2011 e acrescentando que, em breve, vai reenviar todas as 20 solicitações de escoramento ou reparo de imóveis que foram entregues ao Ipac nos últimos anos.

O diretor do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia da Bahia (Crea-BA), José de Souza Neto, critica a prática do Ipac. "O que está acontecendo é que é feito somente o escoramento com perfis metálicos. Isso pode deteriorar e gerar mais carga em cima da edificação, piorando a situação. O escoramento é um paliativo, é uma coisa provisória, não é para ficar dez anos, como na própria Soledade".

O coordenador de Cultura do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), Jaime Nascimento, reforça. "Resoluiu-se, de algum tempo para cá, adotar essa solução: escora até que se tenha recursos

para o restauro. Só que o recurso não chega", analisa Nascimento. "Nós somos a primeira capital do Brasil, temos o dever de conservar esse patrimônio", lamenta.

O Conjunto Arquitetônico da Soledade, que inclui os casarões que estão na Ladeira de mesmo nome, são tombados pelo Ipac desde 1981. Porém, eles são de propriedade privada e os donos desses imóveis são os primeiros responsáveis pela sua manutenção.

Pela legislação estadual, quando o proprietário não tem condições de custear a manutenção de um imóvel tombado, ele tem o dever de comunicar ao Ipac, que, então, tem 120 dias para tomar providências. Entre as decisões possíveis estão o financiamento das obras, a realização das obras ou permuta por outro imóvel ou desapropriação. O diretor do Ipac informa que não há nenhum comunicado desse tipo enviado ao órgão por proprietários de bens tombados no estado.

Os casarões da Soledade estão em visível estado de abandono. O diretor geral da Codesal, Gustavo Ferraz, explica que as intervenções em imóveis tombados são caras e que é preciso que haja uma política pública efetiva por parte dos entes tombadores. "Ninguém deixa de fazer uma reforma em sua casa porque não quer, mas porque não tem dinheiro". O coordenador do IGHB explica que a manutenção de casarões é cara porque tem que obedecer a padrões técnicos rigorosos.

"Tudo tem que passar pelo crivo de órgão de patrimônio. Não é qualquer profissional que é capaz de fazer essa intervenção. Tudo isso demanda custos altos", explica.

CAROL AQUINO

## Imóvel que caiu será demolido e ladeira segue interdita

O diretor geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), João Carlos Cruz de Oliveira, informou, no final da tarde de ontem, que será necessário demolir o casarão da Ladeira da Soledade que desabou matando três pessoas, na segunda-feira, e a casa que foi atingida pelos destroços do imóvel. "Fechamos um parecer técnico sobre a necessidade de demolir o imóvel 144 (casa da família que foi vitimada). Na casa 146, devido ao estado de abandono, nós estamos indicando pela demolição

com cuidado, no sentido de evitar que o imóvel de número 148 seja atingido", disse o gestor em contato com o CORREIO. O laudo indicando a intervenção que deve ser feita nos imóveis na Ladeira da Soledade será entregue no início da manhã de hoje, segundo assegura o diretor do órgão estadual. O documento será enviado pouco mais de dois dias depois da tragédia. A Ladeira da Soledade, importante via de ligação para quem precisa circular na região, continua interdita ao trânsito.

## ●● Fechamos parecer técnico sobre a necessidade de demolir o imóvel 144. No 146, estamos indicando pela demolição com cuidado João Carlos Cruz

Diretor-geral do Ipac

## Aprovado projeto que facilita crédito a donos de casarões

Um dia após o desabamento do casarão que provocou a morte de três pessoas na Soledade, a Câmara Municipal de Salvador aprovou, ontem, o projeto de lei que cria o programa Revitalizar, que prevê a requalificação de imóveis no Centro Antigo. O projeto, da prefeitura, já estava na pauta de votação antes mesmo do desabamento. O programa estabelece incentivos fiscais para que os proprietários de imóveis antigos, tombados ou não, possam investir na restauração, recuperação ou reforma, podendo estimular, ainda, a instalação de empre-

sas nos locais. A aprovação foi por 33 votos a sete. O Revitalizar vai beneficiar pelo menos 11 bairros: Centro, Centro Histórico, Santo Antônio, Comércio, Saúde, Nazaré, Tororó, Barris, Barbalho, Lapinha e parte da Liberdade, além, agora, da Baixa dos Sapateiros. Segundo a prefeitura, cerca de 3 mil imóveis podem ser beneficiados com a medida. O programa prevê isenções em tributos como IPTU, Imposto de Transmissão Inter Vivos (ITIV) e ISS, além de facilitar o acesso a financiamento para ser investido nas intervenções.